

OPINIÃO
EDITOR

Jary Cardoso

OPINIÃO

opinio@grupoatarde.com.br

ARTIGOS

Antes que tarde demais

GILBERTO BRITO

Originário dos quadros da Polícia Civil, atividade de que lida com as conseqüências das graves problemas sociais, é natural que para eles volte as minhas atenções, dentre tantos, o avanço do tráfico de drogas em nosso País. Os dados estatísticos são alarmantes, e as implicações evidenciam que estamos avizinados a uma bomba-relógio.

Diariamente, meninas e meninos são cooptados, e os que ainda não, "olheiros-caçadores" estão de "lunetas" direcionadas, esperando o momento certo do ataque, em especial se membro de família fragilizada social e economicamente. Os menores são presas mais fáceis à prática, pois inimizáveis. E, dentre eles, os mais pobres, porque a "remuneração" é sedutora e corrosiva para muitos, que são "tragados" pelo consumismo imposto pela mídia televisiva, gerando verdadeira tentação.

No País, nos últimos três anos, ultrapassa 200% o aumento de jovens entre os 12 e 17 anos flagrados vendendo drogas, sendo que, proporcionalmente, o percentual no sexo feminino é bem mais considerável, demonstrando maior agravamento, isto por envolver futuras mães de indefesos sem referências de conduta.

Afora tal realidade, além da comercialização –verdadeiros "aviões" –, a grande maioria é, inicialmente, feita usuária, futuros dependentes e, por que não dizer-se, clientes, o que faz surgir um novo modelo escravagista.

O pior de tudo isso é a "contaminação" de um mal sem volta a que está acometida toda so-

cidade, conforme diariamente assistimos nos noticiários diversos. Os "donos do tráfico" são senhores donatários de seus "territórios", até porque o dinheiro esbanjado e facilmente adquirido corrompe, degenera, contágia e faz impor o medo, o terror. Até as outrora pacatas cidades interioranas estão acometidas desse perigoso "germe".

Quando o acometimento é de outros males, a exemplo da dengue, malária, etc., a saúde pública é convocada, ações são desenvolvidas e, com um detalhe: os doentes e seus familiares denunciam e procuram a solução, sem contar as vacinas que previnem. No caso específico, não. As "vítimas" da cooptação e seus familiares se escondem e negam, respectivamente, até porque inúmeros outros os envolvimentos e conseqüências.

Antes que vire tragédia nacional, é bom um despertar. Se os esforços dos organismos públicos são insuficientes e às vezes falhos, em que pesem as abnegações e compromissos de muitos, um levante há de ser feito por empresas e pelos indivíduos, a exemplo dos mutirões contagiantes, conforme verificado recentemente, em prol de Santa Catarina.

É hora de o Proerd, destinado aos de até 12 anos de idade, e o Proa, destinado aos de 13 a 17 anos, programas ministrados pelas polícias militares, serem maciçamente difundidos nas escolas, especialmente as públicas, onde os tiros sem ruídos vão ceifando as possibilidades de avanços sociais.

Que sejam tomadas algumas medidas de pronto, antes que tarde demais.

GILBERTO BRITO | Deputado estadual (PR-BA)

Poluição oceânica na Bahia

LUIZ EDMUNDO OLIVEIRA

É de causar profunda revolta a indiferença com que, em nosso País, se assiste à destruição do meio ambiente, principalmente se considerarmos que sua recuperação, se não impossível, será lenta e difícil. A poluição oceânica que hoje se verifica na Bahia é alarmante e deveria merecer, por parte das entidades ecológicas, providências drásticas e efetivas para que o quadro seja revertido.

A Tibrás, hoje Cristal Global, foi montada há cerca de 38 anos, em Arembepe, e, tão logo iniciou sua operação, passou a despejar diariamente toneladas de sulfato ferroso, ácido sulfúrico e outros resíduos industriais no oceano.

O sulfato ferroso, produto não-degradável, sob a forma de gel, se deposita no fundo do mar e, em sua trajetória, adsorve todos os microorganismos em suspensão na água, arastando-os mortos para o fundo. Em seguida, ao sabor das correntes marinhas, o produto se espalha por uma área cada vez maior. Com a presença desse produto, o leito do mar se torna estéril, não permitindo a proliferação da vegetação e dos microorganismos. Sem tais elementos, os pequenos peixes, crustáceos e moluscos fugiram (ou foram exterminados) da região, quebrando a cadeia alimentar que mantinha os peixes maiores no local.

O método da Cristal também é usado pelas empresas de saneamento, que utilizam sulfato

de alumínio ou sulfato ferroso, para, numa operação denominada floculação, precipitar para a base das estações de tratamento toda a matéria orgânica ou microorganismos em suspensão na água a ser tratada. Como pescador amador, posso testemunhar que, antes da Tibrás, habitava o nosso mar uma imensa quantidade de peixes, tais como garoupas, guarice-mas, vermelhos, atuns, bonitos, cavalas, alvacoras, xaréus, etc.

Antigamente, as redes na Praia de Armação pegavam milhares de xaréus. Hoje, tais redes, pelo desaparecimento dos peixes, não mais existem. Antes da Tibrás, saveiros de Itapuã, locomovendo-se apenas com velas, com dois ou três pescadores a bordo, em quatro ou seis horas de pescaria, traziam facilmente de 100 a 200 quilos de peixes. Hoje, nas mesmas condições, porém com a vantagem de estarem motorizados, são felizes aqueles que conseguem trazer 10 quilos.

Atualmente, se a isca permanece por mais de 10 minutos no fundo do mar, quando é puxada está completamente tingida de um amarelo/amarronzado, fruto da contaminação pelo sulfato ferroso. Pescadores que, em busca de locais menos inóspitos, vão pescar entre Valença e Camamu informam que a poluição já chega àquelas regiões, levadas pelas correntes marinhas.

É necessário que a Cristal reduza sua poluição a zero, dando outro destino aos seus resíduos industriais, pois o nosso mar não é depósito de lixo.

LUIZ EDMUNDO OLIVEIRA | Aposentado da Embasa, escritor e pescador amador

EDITORIAL

Onda de calotes

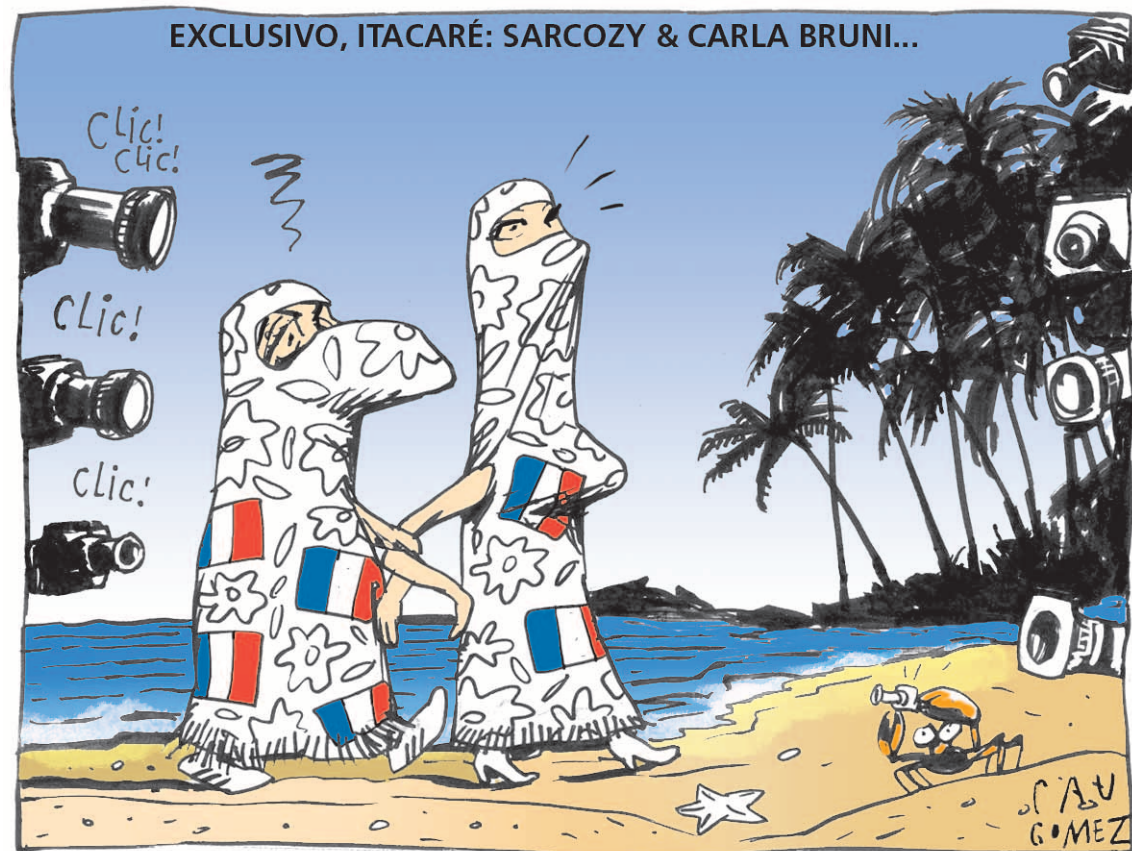
Enfim, o governo vê-se compelido a deixar de encarar a crise como mrolinha inofensiva, mas agora como onda de um mar gradativamente encafelado, mesmo que ainda distante de uma tsunami. É o que comprovam as apreensões subitamente detonadas pelo aumento da inadimplência de impostos federais, ocorrido em novembro, segundo dados da arrecadação da Receita Federal, o que demonstra que a crise já se reflete no caixa das empresas que optam por priorizar outros pagamentos, em detrimento do recolhimento de tributos. Esta situação move o governo a atender a saúde das empresas através de medidas de injeção financeira, para debelar ou minorar a escassez de crédito.

A inadimplência de pessoas físicas também preocupa – em novembro, foi a maior desde 2003, informou o Banco Central – e tende a continuar crescendo, como conseqüência da aceleração do consumo que atende à forma com que a tradição cultural celebra e saúda as alegrias festivas de fim de ano. Vastas camadas da população entregam-se à vontade e ânimo forte de ir às compras, lotando ruas, lojas, shoppings e supermercados.

Só na Bahia, esta avassaladora ida às compras representa um crescimento de 9% em relação ao mesmo período do ano passado, animando o comércio, porém suscitando apreensões quanto ao que poderá ser aguardado no próximo semestre ao abrir-se uma bem possível cortina de inadimplência decorrente dessa alegre e saltitante onda consumista, já que se presume grande quantidade dessas compras de fim de ano tenha sido realizada por meio do uso de cartão de crédito ou cheque pré-datado, cujo vencimento fatal pode ser garroteado pelos efeitos da própria crise em que todos estão mergulhados – governo e população.

Há de atentar-se para a adjetivação como vários analistas, inclusive dentro do próprio governo, vêm brindando o primeiro semestre de 2009 – "o mais terrível". Pelo visto, as recomendações de cautela ante a crise pouco valeram até aqui, tanto para o governo quanto aos gastos públicos, como para a população enlevada pelo espírito festivo no ritmo das compras. A expectativa messiânica é que o primeiro semestre desenrole suas promessas desmentindo a bruxaria dos analistas.

Cau Gomez



NELSON PRETTO

A força da juventude



Daqui da Inglaterra, leio em A TARDE um belo projeto de intercâmbio de estudantes promovido pelo Teatro Vila Velha. Aqui mesmo nesta página, já escrevi algumas vezes sobre a necessidade de promovermos políticas públicas que estimulem os jovens – de qualquer idade, claro! – a passearem mais. Falo diretamente na palavra passear, pois é isso que penso ser fundamental para ajudar na formação dessa meninada. Conhecer novos lugares, novas cidades e seus povos, outras culturas. Mesmo compreendendo que o nosso mundo contemporâneo resolveu partir para a mesmice, onde as coisas que vejo aqui na pequena Nottingham são quase todas absolutamente iguais às que vejo aí em Salvador, creio que esses passeios e intercâmbios são fundamentais

para a formação dessa gente, inclusive para que possamos, com muita garra, lutar contra esta lógica de tudo virar o igual. Hoje, andar de ônibus por quase todos os países ocidentais é passar pelos mesmos pontos de ônibus que temos em Salvador. A mesma empresa, o mesmo modelo, o mesmo estilo, enfim, a mesmice implantada, como uma comida *fast food*, que aí, ou aqui, é sempre a mesma. Achar o diferente, requer garimpar com profundidade.

Os filhos das classes médias e altas têm a oportunidade das viagens promovidas pelas próprias famílias. Conhecem museus, praças, cidades, estradas, ruas, enfim, se não ficarem nos tradicionais roteiros pré-fabricados pela indústria do turismo, podem interagir um pouco mais com as culturas de outros países. Ao filhos das classes populares, resta esperar por políticas públicas que favoreçam essa mobilidade, que possibilitem que

esta turma possa conhecer e interagir com outras turmas de outros países. Projetos como esses do Vila, Axé, Eletrocooperativa, Breje Eró, e de tantos outros grupos liderados pelas ONGs, brasileiras e estrangeiras que investem no País, são exemplos de belas oportunidades para uma juventude que pode não estar vendo muita esperança no futuro que se avizinha. Mas me pergunto: por que isso não faz parte das políticas públicas dos governos municipal, estadual e federal? Por que não viabilizar que alunos – e, claro, os professores – possam passar períodos em outras cidades, estados e países, em projetos de intercâmbio de forma mais permanente? Isso, seguramente, também traria para a Bahia outras gentes, turmas e tribos que, interagindo com a nossa meninada, certamente fariam diferença no mundo de hoje. Um mundo que carece de generosidade, de companheirismo e de solidariedade. Mas

esta força da juventude é a única possibilidade de uma radical transformação na mesmice do mundo atual. Porém tais idéias nem sempre são bem acolhidas.

Certa vez, numa festa do Bonfim, encontro um amigo querido que gosto muito de ouvir. Assim que nos vemos, ele me provoca: tenho te lido e tenho minhas dúvidas sobre esse seu encantamento juvenil! Fiquei muito intrigado com o comentário, pois respeito bastante esse meu amigo de longas datas. Com aquilo na cabeça, e a cada manifestação desta turma jovem, me perguntava mais uma vez: estou exagerando ou essa meninada está recuperando uma energia sufocada ao longo dos últimos anos e que, agora, volta a se manifestar como uma rebelião necessária para a vitalidade do mundo?

Recentemente aqui na Inglaterra, uma turma de não mais de 30 jovens, entre 18 e 25 anos, parou um grande ae-

roporto para protestar contra a expansão da aviação e os perigos do aquecimento global. Dois dias depois, o jornal The Guardian publica matérias de página inteira mostrando a gravidade do momento na voz dos cientistas que estudam o tema: a situação é dramática e sem retorno! Coincidência? Pode ser, mas imaginar que os cientistas que estudam o ambiente se mobilizem para se acorrenar às grades de um aeroporto pode ser um pouco demais... Mas, para esta turma que está ligada ao que acontece na sua cidade e no mundo, esse ativismo – que os adultos de hoje também faziam na sua esquadra juventude, principalmente os que estão agora no poder – é parte do seu jeito de ser. Para essa juventude que não se acomoda aos bancos escolares, estas ações radicais podem ser a única saída, e, quem sabe, esta não seja a única saída para todos nós.

NELSON PRETTO | Professor associado da Faculdade de Educação/Ufba, visitante da Universidade Trent, de Nottingham. E-mail: www.pretto.info

PROPRIEDADE DA EMPRESA EDITORA A TARDE
Sede: Rua Prof. Milton Cayres de Brito, nº 204 - Caminho das
Arvores, CEP 41822-900 - Salvador - BA. Redação: (71) 3340-8800,
PABX: (71) 3340-8500. Fax: (71) 3340-8712/8713. Publicidade: (71)
3340-8757/8731. Fax: 3340-8710. Circulação Capital: (71)
3340-8612. Fax: 3340-8732. Endereço telegráfico: TARDE

SUCURSAIS | Brasília (DF) - SCS, Qd. 1, Ed. Central, salas
1001 e 1008 CEP 70304-900 Tels. (61) - 3226-0543 -
3226-1343 | Camaçari (BA) - Av. Radial B, nº22, Edif.
Albrantes, sala 102 - Centro - Camaçari CEP 42807-380 Tel.
(71) - 3627-4929 | Barreiras (BA) - Rua D. Pedro II, 133, 2º
andar, sala 04 CEP 47800-000 Tel. (77) - 3611-4444 |
Eunápolis (BA) - Av. Porto Seguro, nº 511, Edif. Dinâmica
Center, sala 103A - Centro CEP 45820-000 Tel. (73) -

3281-7650 | Feira de Santana (BA) - Feira de Santana - Av.
Getúlio Vargas, 1942, 1º andar - Centro CEP 44010-100 Tel.
(75) - 3625-1044 | Itabuna (BA) - Av. Cinquentenário, 312,
Centro Empresarial Sul, salas 101 e 102 CEP 45600-000 Tel.
(73) - 3211-4462 | Juazeiro (BA) - Rua Cel. João Evangelista,
24, Edif. Juracy Campelo, 1º andar, salas 101 e 102 - Centro
CEP 48900-000 Tel. (74) - 3611-7912 | Rio de Janeiro (RJ) -
Rua da alfândega, 91, sala 206 - Centro CEP 20070-001 Tel.

(21) - 2224-3086 | Santo Antônio de Jesus (BA) - Av.
Roberto Santos, s/n, Shopping Itaguary, 2º piso, sala 212 CEP
44570-060 Tel. (75) - 3631-3010 | Vitória da Conquista (BA)
- Rua Ascendino Melo, 256, 2º andar, sala 201 - Centro CEP
45020-740 Tel. (77) - 3422-1965 |
REPRESENTANTES COMERCIAIS
| São Paulo (SP) - Rua Araújo, 70, 7º andar, CEP 01200-020.
(11) 3259-6111/6532. Fax (11) 3237-2079.

| Jequié (BA) - Lu Lelis Publicidade. Rua Tiradentes, nº 12,
Centro, Jequié CEP 45202-370 Tel. (73) 3525-4327/4102.
Cel. 8812 4617
| Sergipe e Alagoas - Gabinete de Mídia & Comunicação
LTD.A. Rua Alvaro Brito, 455, sala 35 - 13 de julho
CEP 49020-400- Aracaju-SE Tel. (79) 3246-4139
Cel. 9978-8962

@lô
Redação
(71) 3340-8990
(71) 9973-8800

Sugestões de pautas:
aloredacao@grupoatarde.com.br
Segunda a sexta:
8 às 20h
Sábados, domingos e feriados:
8 às 13h